



Gaiato

6 DE JANEIRO DE 1973

ANO XXIX — N.º 752 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Setúbal

Há dias, alguns rapazes mais velhos vieram com um jornal da cidade na mão, protestar um apelo que se fazia a favor dos «Gaiatos protegidos pela instituição», dirigido «aos comerciantes e ao público em geral»:

— Olhe para isto!

Eu olhei. Enchi-me de pena deles, vítimas destas expressões.

O Evangelho é muito claro: «Que a tua mão esquerda não saiba o que faz a direita». Se assim fizessemos ninguém ficava humilhado. Nem quem dá nem quem recebe. Mas não. Gosta-se do exibicionismo. A mentalidade corrente é mesmo de exibição e toda a gente acha bem.

Eu não. Doe-me muito aquele: «olhe para isto!»... Fui ter com o redactor e disse-lhe o que era a Casa do Gaiato: uma Casa de Família. Pobre, mas honrada. Que a nossa maior riqueza era a dignidade de cada rapaz. Que nunca assim

fizemos em «O Gaiato» onde lançamos os apelos que julgamos necessários. Que preferimos comer as pedras do caminho a angariar meios sacrificando a dignidade do rapaz. E disse e disse e disse...

Este senhor pareceu-me bom. Bem intencionado. Mas quê?... Andamos todos errados.

x x x

O Jorgito, aquele de que te falei na última quinzena, fugiu numa destas últimas segundas-feiras. Foi uma aflição muito grande em Casa. Eu não estava. O Rogério mobilizou toda a gente e correu montes e aldeias próximas. Buscavam nos poços e nas valas. E quando eu cheguei, noite fechada, esmagou-me com a novidade: — «O Jorgito fugiu».

Que acontecera? — O menino fora habituado a pedir. Teve saudades da sua vida anterior. Escapou-se para Setúbal e não teve problemas: começou a pe-

dir. Pelas dez horas da noite apanhámo-lo com uma caixa cheia de dinheiro, um cestinho de verga e uns farrapos. Não tinha fome. Comprara, segundo consta, carne e pão. Mostrou-me logo a caixa com o dinheiro: — «Olhe!».

Fiquei tão triste. Ainda há tanta gente que dá dinheiro às crianças! Que se não doe da situação abominável do pedinte e contribua para que ela se mantenha. Não sei se alguém lhe perguntou quem ele era, onde estava, o que fazia, que faziam os pais, se andava na escola, como se chamava... Creio que ninguém. Deram-lhe dinheiro... É a mesma mentalidade. Andamos todos errados!

Lembro-me, às vezes, que as pessoas reagem somente por instintos irracionais. Quando vejo os rapazes a fazer festas aos cães e levar-lhes de comer, recordo em paralelo a atitude dos homens que dão dinheiro às crianças pedintes!

Padre Acílio

Cantinho DOS RAPAZES

«Continuo a sentir-me bem sem andar tranquilo.»

É de um de vós essa afirmação que tomo por mote.

Já agora, dou um pedacinho do contexto, o que ajuda a compreender melhor:

«É sempre bom voltar ao seio da Família e encontrá-la nova, renovada. (...) Respira-se um ar saudável que torna o ambiente propício a reflectir. A saudade chora no coração e isso é uma alegria!

Continuo a sentir-me bem sem andar tranquilo; o amanhã é sempre, e cada mais, uma incógnita».

Em todo este abrir de alma parece surgir contradição. Há. A contradição é o preço que pagam aqueles para quem viver não é simplesmente vegetar e sentir. Há a contradição própria da vida neste mundo onde somos peregrinos que não têm nele morada definitiva. Há a tensão permanente entre o presente e o futuro; entre a realidade consumada e a Esperança.

CONTINUA NA TERCEIRA PAGINA

MALANJE

Alguns homens do nosso tempo, tantas vezes, se perdem em si próprios. Nada mais além. A própria família é sacrificada pela voragem louca de negócios, do seu eu — mais cego em cada passo.

Há dias, conheci um homem muito rico, angustiado e triste porque os filhos o desconhecem: não é o amigo, o pai — é o «velho». Os lucros foram tão grandes que o turbilhão o comeu. Deu aos filhos não uma palavra amiga, um conselho oportuno, uma ocupação salvadora. Hoje é o «velho». Semeou automóveis... — tem lata velha.

O dinheiro não é convertível num sorriso a nascer do coração... como fonte de rocha no sopé dum monte.

Falhaste amigo... Os teus prédios de betão são fantasma negros.

Neste momento me deleito com os meus mais pequeninos, em fila, cada um puxando o seu carrinho. Carrinhos feitos por eles — de bambú, de cana, de sisal, com rodas, eixos e brecagem; alguns têm molas de aço das cintas dos caixotes.

Chamo o Eusébio, que puxa um tractor com charrua de três discos:

— Tu és formidável!! Como conseguiste?

— Fui eu que o fiz. Belo!!

x x x

Sete da manhã. O café atrasou. Vou desafiado à cozinha ver suas causas. «Cupa» atrapalhado. Barafusta. Duas

Cont. na TERCEIRA página



Não é a Volta a Portugal. Mas a «Volta» à quinta de Miranda do Corvo.

Tribuna de Coimbra

A tarde de domingo foi enchente a vazar em nossa Casa. Amigos de Coimbra (e alguns dos arredores) quiseram outra vez fazer festa de Natal conosco. O grupo coral de Santa Cruz — com a alma da Irmã Lina — animou ainda mais o ambiente já quente.

Na véspera tinham mandado muitos embrulhos de brinquedos e, à frente, veio uma família enfeitar com eles uma grande árvore de Natal: Os nossos mais pequenos comeram, com os olhos, todos os brinquedos: **olh'aquele!... olh'ó outro!...**

Com a chegada e dispersão por todos os cantos, cada um a ver o que mais gostava, a nossa sineta tocou a reunir em volta da mesa do altar. Celebrámos a Eucaristia, pois o Senhor teve de ser o primeiro a estar presente, já que foi (e é sempre) Ele a consagrar-nos.

No mesmo ambiente de comunhão foi a parte recreativa. Toda a gente teve de imitar o burrico a caminhar pra Belém. Todos tiveram de fazer coro em muitas canções. Os nossos batatinhas

Cont. na QUARTA página

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

APANHA DA AZEITONA — Começaram as férias do Natal. E, com elas, a apanha da nossa azeitona. Trabalho um pouco duro por causa do frio. Mas reconfortante, porque aqueles que varejam podem ver como a azeitona cai e cobre o chão.

Dois vão à frente do grupo com serrotes para limpar as oliveiras. Depois vem o grupo de varejar cantando, assobiando. E assim vão manifestando alegria. Entretanto, mais atrasados, vêm os nossos pequenitos — com um pouco de frio, de manhã. Eles vão enchendo latas, baldes, sacos.

A azeitona para curtir é sempre tirada das oliveiras que estão em volta da nossa Casa. É a melhor. A outra é esmagada e tirado o azeite, que dará para o ano.

E, assim, estas férias vão estar um pouco ocupadas. Mas, depois, virá o bom fruto para a nossa vida escolar e oficial.

OFICINAS — Enquanto estes se vão desembaraçando da azeitona, outros estão atarefados com a nossa prenda de Natal, que é uma mobília para a nossa sala de jantar. Uma prenda difícil de obter, pois têm-se feito alguns serões para que esteja pronta na devida altura.

São mesas e cadeiras. E cada mesa levará seis a oito rapazes.

Todos estão muito contentes. Alguns até dizem: «Vai ficar uma sala formidável!». Pois vai, não haja dúvida. Mas com muito sacrifício nosso!...

ANIVERSÁRIO — A nossa Casa vai fazer anos. Não sei como se irá passar o dia de aniversário. Com certeza como nos anos anteriores.

Todos nos vamos lembrar que há trinta e três anos começou, por meio desta Casa, uma grande Obra, uma Obra em que Pai Américo fundiu todo o seu amor pelos abandonados, por todos aqueles que não têm lar, nem família, que são os Rapazes, os Pobres e os Doentes. É uma Obra de amor entre irmãos.

Manuel José

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

NATAL — Imagem de Natal: Aquele prostrado, recolhido no leito (ou na cadeira de rodas). Hoje tão contorcido! Com dores e arrepios. E tão pálido! Todavia, mãos ocupadas: repara um guarda-chuva. Outras vezes, executa crucifixos. E terços. Trabalhosos amorosamente, artisticamente, religiosamente. São de «coruchas» (sementes) d'eucalipto, envernizadas. Peças d'arte. E de beleza. Valorizadas por serem obra, sacrificio-doce, ocupação rendível a muitos



Maria Manuel, filha do Trindade — professor em nossa Casa de Miranda do Corvo.

titulos, dum sinistrado. E opor'una lição para muitos válidos... sem ocupação, por esse mundo fora.

Um quadro ensombrado pela injustiça ou negligência dos homens! E não se resolve com batatas e bacalhau e azeite e regueifa e cacete e açúcar e mais e mais — a consoada, levada às costas com a ajuda do meu Américo. Não se resolve! Tão pouco se alivia. Ele deveria ter (não importa agora como nem donde) uma justa pensão pelos membros sinistrados.

— V. não fuma e trouxe-lhe tabaco!...

— Não s'aflija! É pró jornalista que pranta o meu quintal... É Natal!

Lá guardou o moço na gaveta, sustentando arrepios e dores. E pediu à mulher que guardasse o resto, não sem fazer nova paragem no trabalho, sobre o leito:

— Ai! ai! ai! meu Jesus!

O nome do Salvador. Mais Natal!

— ... Sabe?, quando aparecem estes arrepios não m'aganto. Não passo sem injeção!...

Torna a suspirar. Olho-nos de frente. E carrega o sobrolho. Estanca! Silêncio quebrado pelos galináceos, no quinteiro. Foi a explosão da despedida. Pousadas em leque, abre as mãos como uma benção. E, com mais firmeza, invoca de novo o Salvador. É Natal!

DONATIVOS — Foi uma enxurrada! Graças a Deus. De Anta — Espinho, 30\$00. Porto dá no vinte: «Esses 50\$00 são oferecidos como prova do muito que desejava minorar a muita miséria que ainda existe no meio de tanto fausto e desperdícios daqueles que muito podiam atenuar os males dos mais necessitados». Mais 150\$00 da assinante 27060. Mais 100\$00 de Viana do Castelo. O mesmo de S. Mamede de Infesta. Mais uma simpática presença de Maria Emilia, entregue no Lar do Porto. Mais 100\$00 de Cascais. Idem, de A. F., «para ajudar as despesas que a Conferência tem nesta quadra de Natal». Mais 500\$00 de Teixoso. Vamos parar um nadinha, para meditar na legenda da assinante 17929: «Uma pequena migalha (100\$00), do 13.º mês, duma pequena reforma, para que um Pobre, nosso

irmão, no Santo Dia de Natal tenha uma fatia de pão um pouco maior». Mais de uma funcionária dos CTTU de Lourenço Marques. O costume da assinante 17740. Mais 150\$00, do assinante 23259, «para o fim que melhor entender». Mais o contributo de Maria do Rosário. Mais 500\$00 da Aida Silva, que foi cigareira, e hoje reside em S. Paulo, Brasil. E 300\$00 de uma farmacêutica, muito amiga, de Coimbra. E 100\$00 «de uma Amiga de sempre» para «melhorar o jantar do Natal dos Pobres da Conferência». O mesmo do bom amigo sr. Brandão. E mais 100\$00 da Avenida Almirante Reis — Lisboa. E outra vez Porto com «uma migalhinha a fim de auxiliar a consoada dos Pobres. Perdoem-me, mas a minha pensão de reformada do Ultramar é bem pequena e que Deus me conserve». Pão de sacrificados! Mais 100\$00 do assinante 259. É dos primeiros! Me'ade de um Comerciante de Cabeceiras de Basto. Idem, do assinante 6790. Mais 20\$00 de Oledo, com esta legenda: «Que o Menino Jesus os receba em desconto dos meus pecados». Idem, de Alijó. Outra vez idem, da Viúva do Porteiro. É o Óbulo da Viúva! Outras mãos calejadas — e envelhecidas pelo trabalho: «Alice Pequena» com 100\$00. É do Porto. E outra vez do Porto. Escutemos com os olhos da alma, que é sangue dos Pobres: «É pouco, 20\$00, mas é de todo o coração. Também sou pobre. A. C.». Outra presença de Maria Emilia, do Porto, com 100\$00. Uma peregrina a tornar-se muito assídua! Mais 500\$00 de «Uma Professora» que «oferece esta pequena ajuda» e «precisa das vossas orações para recuperar a saúde». Peçamos ao Senhor. Vem lá mais Porto com 100\$00 e «muita pena de não poder dar mais». Ainda do Porto, 70\$00 de senhora idosa e conselhos oportunos. Na próxima quinzena, continuaremos.

Para todos, votos de um Santo Ano Novo. E a informação habitual: os donativos devem ser remetidos para Conferência de Paço de Sousa — Jornal «O Gaiato» — Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

NATAL — Mais uma quadra natalícia e mais um dia feliz passado em nossa Aldeia.

O dia 24, com tempo primaveril, foi um domingo normal. Mas à hora do jantar, a coisa mudou, com as tradicionais batatas com bacalhau e tronchuda. Seguidamente, como é costume, seguimos para o nosso salão de festas onde cada uma das casas da nossa Aldeia exibiu uma série de números musicais para passar o tempo. À meia-noite foi a Missa do Galo, na Capela. Vivida religiosamente. A Missa encheu-nos a alma. É o nascimento do Salvador. Depois, tornámos ao refeitório para tomar uma caneca de cacau com rabanadas. Soube-nos tão bem! Deitámo-nos cerca das duas horas da madrugada!

O dia 25 decorreu, também, com muita alegria. Só o tempo não ajudou muito! Paciência.

FESTAS — Bernardino continua muito atarefado com os preparativos para mais uma digressão pelo Norte do País.

Como as coisas foram resolvidas mais tarde do que o costume aguardem, mais uma quinzena, pela comunicação do calendário da nossa longa digressão. E não se impacientem!

VISITANTES — É habitual, na quadra natalícia, virem à nossa Aldeia muitas pessoas. Este ano não aconteceu assim. Talvez pelo mau tempo. Ou por os nossos amigos se sentirem familiarmente entre os seus.

Esperamos que no Ano Novo apareça mais gente. Não queremos a nossa Aldeia monótona — como aconteceu na quadra natalícia...

Luís Nunes Marques

BENGUELA

NATAL — Foi o Natal. O que é afinal o Natal? O Natal é um dia em que se festeja o nascimento do Filho de Deus feito homem, que veio ao mundo para nos salvar. Encarnou e foi tal e qual como nós, excepto no pecado.

Este dia, brancos, pretos e mulatos, ricos e pobres, velhos e novos — querem vivê-lo brilhantemente.

Por isso, também em nossa Casa foi um dia de festa, dia esse que teve para nós um sabor diferente dos outros.

Irmãos, saibamos viver o Natal da melhor maneira possível.

Digo da melhor maneira possível, mas logicamente não me quero referir somente à parte material, porque nem só de pão vive o homem. Por isso, a nossa alma também estará à espera de um outro alimento especial, porque só assim é que poderemos afirmar que vivemos o Natal na verdadeira acepção da palavra.

CASOS DO QUOTIDIANO — «Catete» veio, transferido da Casa do Gaiato de Malanje, para Benguela. É um rapaz muito simpático. Amigo de toda a gente. Passa as suas horas ociosas contando anedotas de Malanje, bastante engraçadas.

«Catete» é amador da arte de serralheiro e tem como mestre o Vasconcelos, mais conhecido por «Cotel», que gosta que o tratem por *senhor Mestre*. O «Catete», como não por isso, por serem quase da mesma idade, passa o tempo a discutir. Mas isso agora não interessa para tema de conversa.

O «Catete» foi pela primeira vez à Praia Morena, que é uma das melhores praias de Angola, sem dúvida, e estranha toda a maravilha que aprecia.

Depois de ver muita gente a tomar banho, resolve mergulhar e logo no primeiro mergulho, talvez por infelicidade ou por fraca experiência em natação, ou porque não gosta deste prato, bebeu uma porção de água.

Passados alguns minutos vemos amigo «Catete» sair da água, aflito, e a perguntar às pessoas que se encontravam perto dele:

— Porquê em Benguela os homens gastam tanto sal para meterem na água? É que, assim, uma pessoa que não está habituada, não pode tomar banho aqui na praia porque a água está muito salgada!

As moças que se encontravam junto dele desataram a rir com fortes gargalhadas, que até me senti envergonhado da cena que se estava a passar.

Depois ouvi o «Catete» exclamar novamente:

— Então eles devem carregar todos os domingos camionetas e camionetas de sal para deixarem a água neste estado! Não é?

Não lhe dei resposta e comecei a mentalizá-lo, dizendo que a água já era assim por natureza.

Pois sim, caros leitores, este caso não deixa de ser elucidativo. Mas temos de dar um desconto porque o «Catete» só estava habituado a tomar banho numa lagoa existente em nossa Casa de Malanje.

José Manuel Aleixo

Lar do Porto

CONFERÊNCIA — É a quadra natalícia. Toda ela cheia de colorido e tradição. Repare-se nas ruas vestidas de multicores asseios e montas atestadas das mais enfeitadas distrações. Delírio dos pequenos, e porque não?, satisfação dos grandes, sempre acompanhadas de música do maior sucesso. Não nos será difícil aperceber de que estamos na quadra natalícia.

Depois deste prefácio, permiti-me, pois, que vos recorde os nossos Pobres. Os que não poderiam comer bolo-rei na «véspera», nem saborear o bom bacalhau e que precisam da nossa mão espiritual e material. Refiro-me, particularmente, aos Pobres da Conferência do Lar do Porto que, nesta altura, cos uma presentear os seus amigos, minorando-lhes assim, de alguma maneira, as suas angústias e tristezas. Ora, para aliviar a continuidade de uma tradição há muito iniciada, a vossa ajuda afigura-se-nos indispensável. Ficamos à vossa espera. Lembrai-vos que os Pobres, com quem vos cruzais diariamente, são dignos e merecedores de alegria. São nossos irmãos. E isso, por si, já diz tudo.

Festas Felizes.

Alcino Américo

gaiato

Muita atenção

Senhores Assinantes do Jornal

Apesar de esclarecimentos assíduos (por várias formas) continuamos a receber, para o jornal, importâncias anónimas ou de nomes abreviados ou alterados — em relação aos endereços inscritos no ficheiro d'assinantes.

Aí vai o caso mais recente:

«Caros amigos:

Embora tardiamente e antes que o ano acabe envios a importância da assinatura do vosso simpático jornal «O Gaiato», referente ao ano corrente.

Sou a assinante A. G. da Rocha Guimarães».

Quais são os dois primeiros nomes? Temos o ficheiro alfabetizado pelo primeiro e não pelos últimos nomes...

Qual a residência? É omissa...

Para facilitar o nosso (e o vosso) trabalho, repetimos: basta o assinante transcrever (ou recortar) fielmente, o seu nome estampado em cada exemplar recebido. Tão simples!

Não vamos descrever o tempo gasto improdutivamente no ficheiro, e até mesmo em listas telefónicas!, pela nossa informática doméstica, para decifrar o que for possível. Vamos mas é pedir novamente a todos, todos, que façam o favor de cumprir a simples indicação referida. Muito obrigado.

Entretanto, aguardamos notícias da sra. Dona A. G. da Rocha Guimarães. E doutros que tais...

A avaliar pelas grandes reportagens nos jornais, na rádio, na televisão, das chamadas «Festas de Natal» e «Bodas aos Pobres» nesta quadra festiva, tem-se a impressão de que todo este estendal de «bem-fazer» significa algo que não só se deve aceitar, mas até imitar.

Porém, para além da ostentação de uns poucos e humilhação de muitos, fica-nos a impressão de que estas «Festas» e «Bodas» são, mesmo numa dimensão puramente altruísta, uma afronta à dignidade da pessoa humana.

Veja-se, para além das imagens dos primeiros planos das fotos ou dos filmes, para além dos sorrisos dos que vão dar, as imagens desfocadas dos segundos planos, onde ainda se podem distinguir rostos tristes e abatidos dos que vão receber e, por vezes, o sorriso forçado, como a querer mostrar gratidão, mas a revelar sofrimento interior. Isto nas pessoas adultas, pois nas crianças há quase sempre sorrisos. Mas o que não vemos de imediato, veremos amanhã...

Esta fúria de publicidade, servindo-se dos próprios desníveis sociais, porque fúria, é



razão de sobra para acabar com tais espectáculos mundanos. Mas há, ainda, um deturpar da autêntica Mensagem do Natal e da grande Verdade que dela emana: a Caridade, isto é, o Amor.

O Natal foi e é o encontro da Humanidade com o puro Amor que é Deus, o Qual assumiu a natureza humana para a fazer participar numa dignidade nova, a de filho de Deus, se o homem a quiser aceitar, entrando numa aventura nova, num mundo novo onde «habitará a Justiça e reinará a Paz».

Viver esta aventura humano-divina exige uma opção: o cumprimento do Mandamento Novo, vivendo os homens como irmãos.

Se Deus Incarnado nos mandou amar assim e fez assim, temos de ter um respeito sagrado pela pessoa humana e dar-lhe a dignidade que lhe pertence, não só por preceito divino, como por dever de Justiça. Daí a nossa obrigação de

libertar todos os que estão sujeitos a qualquer tipo de opressão e estabelecer a equidade no direito à vida para todos os homens. Isto implica pôr em acção toda a nossa capacidade de realização e de bens materiais e de potencialidades espirituais, em ordem ao Bem-comum.

É esta, em termos simples, a Mensagem do Natal; e não aquela que, a coberto d'Ela, se vê usar e abusar por este mundo além.

Sobre estas festas mundanas que alguns chamam de caridade, escrevia Pai Américo há cerca de 20 anos: «Na verdade aceitar por boa uma festa desta natureza, o mesmo é que aceitar por natural a situação de quem se pretende socorrer; e não é assim. Aqui não há situações criadas. Não há factos consumados. Há uma injúria do homem ao homem que é preciso reparar».

Padre Abraão

Aqui Lisboa

Por
Padre Luiz

Damos graças a Deus pelo Natal. Os mimos recebidos, as atenções de que fomos alvo e outras provas de amizade e de carinho multiplicaram-se. Colocados numa encruzilhada onde podemos apalpar os factos, afirmamos sem reboço que, apesar de todos os sinais em contrário, há ainda uma ansia de fraternidade e de bem no coração dos homens, expressão, afinal, da felicidade a que todos aspiramos no íntimo do nosso ser. «A paz é possível», assim o cremos, se imperarem os Valores que a quadra do Natal comporta no seu significado real e profundo, a âmbito individual e colectivo.

Ao redigirmos estas notas, aproxima-se já vertiginosamente 1973 e, como é natural, também fazemos propósitos e formulamos aspirações. Propósitos de continuar, enquanto a saúde e os interesses da Obra o permitirem ou aconselharem, permeáveis ao que seja real progresso ou justo, mas intransigentes ante o que represente abdicar ou demissão. Maleáveis frente ao acessório, mas firmes no essencial, sem complexos de parecermos atrasados ou ao inverso — prosseguiremos na linha de espírito de Pai Américo. Entre mãos a grande preocupação de dotar esta Casa das infra-estruturas capazes, em ordem a um trabalho válido de educação dos Rapazes. As aspirações poder-

-se-iam sintetizar no desejo duma Fé viva vinda do Alto, que nos permita ser fiéis e arrostar com as dificuldades de dentro e de fora, mais o aparecimento de colaboradores dedicados e desprendidos, senhoras ou cavalheiros, ao serviço dos jovens que nos estão confiados e conosco possam partilhar das responsabilidades, das alegrias e das agruras da vida.

Relativamente ao último ponto devemos acrescentar ser nossa convicção que o Espírito sopra em muitas almas, jovens ou já adultos, para uma entrega sem condições. Infelizmente, as tentações, como a tendência para uma existência fácil e o egoísmo feroz, abafarão a Voz de Deus. Tanta gente que há sem fazer nada de útil e que vive frustrada, evitada de tédio e inquieta, portanto, infeliz! Se se soubesse quão grande é o dom de servir os Irmãos nas primeiras linhas de combate, estamos certos que surgiriam os «pelicanos» necessários, arrancando todos os liames que os manietam. Uma sociedade, embora dita cristã, constituída por milhões de pessoas, que não é capaz de suscitar os samaritanos indispensáveis, dispostos a imolar-se por amor dos Irmãos, é uma sociedade desvitalizada, decadente. E não digam não ser aliciante e plena de beleza a tarefa do Amor! Quando sair este número de «O Gaiato» terá começado

o novo ano e haveremos passado as «Bodas de Prata» desta Casa. Pois bem, se a todos os Amigos desejamos as maiores graças para 1973, não deixaremos de os ter presentes em 4 de Janeiro. Na nossa mente também toda a parte da Família que já partiu para a Eternidade.

Padre Luiz

Malanje

Cont. da PRIMEIRA página
lágrimas límpidas rolam pelas suas bochechas fartas.

— O relógio... — diz a soluçar.

Olho o velho despertador, só de pé graças à fita gomada. Pego-lhe. Parece mais uma cabeça entrapada.

— Isto toca?

— Só às vezes.

— Vou hoje comprar-te um despertador.

As lágrimas sorriem.

— E os paus?... Não há lenha partida.

— E um homem para rachar a lenha. Mais alguma coisa, «Cupa»?

— Não senhor.

Um quarto de hora mais tarde saiu o leite quentinho a saber a lágrimas que sorriem.

Padre Telmo

Cont. da PRIMEIRA página

Justamente, é Ela, a Esperança, a chave desta aparente antinomia: «Continuo a sentir-me bem sem andar tranquilo». É Ela que nos permitirá afirmar, inversamente (Não faltarão ocasiões para o fazermos!): — Hoje não me sinto bem, mas tenho Paz.

Dos tranquilos não reza a História. Só a História dos fracos ou dos iludidos! Dos homens que aceitam por condição humana, sine qua non, pensar e escolher — desses, será aquela tensão, em que falava, a fonte que os faz luz do mundo e sal da terra. Esses são os que aceitam e abraçam a Paz que Cristo nos veio trazer, sem nada de comum com a que o mundo dá. O conceito de paz a partir do mundo é uma ideia, fácil e falsa, de ausência de luta. A Paz que Cristo nos trouxe importa luta que durará até ao último sopro de vida, até ao limite da nossa capacidade de pensar e de escolher. O preço da paz entre os homens é a aceitação da luta dentro de nós, da oposição incessante entre o homem «velho», egoísta, fechado em si mesmo, e o homem «novo», disposto a gastar-se em favor dos irmãos, como Cristo fez para nos ensinar, Ele o único Mestre e Senhor.

A Paz é possível entre os homens, se cada qual aceitar que uma espada de dor trespassse o seu coração. Depois de Cristo, é nosso Mestre Sua Mãe. No fiat respondido ao Anjo da Anunciação, estava contida a disponibilidade para tudo que Deus quisesse d'Ela, mesmo «a espada de dor» que o velho Simeão profetizou e trinta e três anos depois, aos pés do Filho crucificado, A trespassaria.

D'Ele e d'Ela — e só! — aprenderemos o mistério da

Cantinho dos Rapazes

conciliação: da Paz e da luta (da Paz na luta); da intranquilidade e da certeza (da intranquilidade accidental na certeza essencial de que o Senhor está no meio de nós, mesmo quando Se «esconde»); da «sauidade que chora no coração» e da «alegria» que nele permanece, porque «é sempre bom voltar ao seio da Família e encontrá-la renovada»; do «continuo a sentir-me bem» e «o amanhã é sempre, e cada vez mais, uma incógnita» («continuo a sentir-me bem», apesar de «o amanhã ser sempre, e cada vez mais, uma incógnita») porque o amanhã pertence a Deus, como o hoje — e Deus é Pai que experimenta as forças do homem, mas não abusa delas, nem nos abandona, nem engana.

Contudo a intranquilidade pertence ao tempero da vida do homem no mundo, essencial para que tal vida seja autenticamente humana.

Se homens «velhos», egoístas, fechados em si-mesmos... — pois nada mais nos pode esperar senão o desespero. Se homens «novos», justificados por Cristo, recriados por Ele na santidade autêntica — a Esperança é o nosso alimento; Ela nos dá hoje a intuição do amanhã. E assim a incógnita se tornará progressivamente conhecida e é possível, «sem andar tranquilos, continuar a sentirmo-nos bem».



Pois vamos finalizar esta saída invernal da *Procissão*. Graças a Deus o tempo aqueceu um bocadito e, além das caras velhas-conhecidas, a pareceram outros de ocasião, justamente no grupo dos das Casas por inteiro. Eles aí vão:

Uma dúzia de contos de um José Carlos com mais 2.500\$ para o Calvário e 500\$ para a assinatura. Outro tanto de quem «pede licença para remeter o cheque 207425 da C. G. de Depósitos». Ainda igual quantia de outro Carlos, que é médico, deixada em visita com a família em Sexta-feira Santa. Mais este recado:

«Junto um cheque de 12.000\$ que fará o favor de utilizar como melhor lhe parecer no «Património dos Pobres».

«É um bocadinho do que me sobra em acção de graças.

«Desde muito novinho que venho tendo um especial carinho e interesse pela vossa Obra. Isto, sem dúvida, devido a «O Gaiato» que nos permite partilhar um pouco da vida da Obra.

Muito lhe agradeço se me lembrar numa das vossas Missas. Permiteme desejar-lhe sempre muita alegria no Senhor!»

E uma Maria, de Trancoso, com 10 contos para um livro e o resto «para ajuda numa casa». O triplo, «com todo o meu respeito por todos vós e pela vossa Obra». E segue a explicação:

«Foi voto feito ao começarmos a comprar um andar para nós, quando o acabássemos, enviarmos o preço de mais ou menos uma casa (para casa ou telhados ou acabamentos — fazei dele o que melhor achardes) e agradeço-vos a ajuda em ajudarmos os que necessitam e conhecemais mais de perto que nós.

«Meu marido e eu, metade cada um, juntámos este dinheiro e pedimos a Deus para em breve pagarmos outra dívida e outro tanto podermos mandar.»

O grupo fecha com o cumprimento de outra promessa, «feita em 1958, mas que só agora é possível pagar». Outra dúzia que, «caso não chegue para o fim a que se destina, o sr. Padre resolverá como melhor entender». Obrigado pela disponibilidade. Todas estas importâncias são para partilhar. Chegam sempre.

Passam, agora, os de todos os meses. É Ois da Ribeira. Mas, afinal, são duas pessoas!... É uma Maria com 100\$ mensais (Tenho cá notícias desde Fevereiro a Novembro); e outra pessoa, de letra parecida, mas assinatura ilegível, com 50\$ para o Património e 20\$ para o Calvário (Recebi oito notícias destas e uma melhorada, referente a Novembro e Dezembro/72: 130\$ mais 70\$).

Com idênticos destinos temos dez presenças de Berta, de Lisboa, a qual foi ainda intermédia de «uma viúva que sabe o que é sofrer».

Vem aí outra Berta, mais o Jorge. Estes são do Porto e apa-

AGORA

receram dez vezes no «Espelho da Moda» com 100\$ de cada.

Outras tantas presenças da Maria do «Pequeno Louvre», uma das quais aumentada por uma intenção de saúde.

Quatro «areíñas do amor»... e «mais mil — uma areia, não é verdade?» E o meu obrigado pela concordância dada ao destino desta e de outras areíñas, para fazer a grande argamassa com que se vai ajudando muitas Famílias a construir o seu lar.

O nosso «Major do Silêncio» não falta com a sua presença mensal. São 11, de Fevereiro a Dezembro, apesar de «há quatro meses doente com certa gravidade». Os nossos desejos de melhoras e a nossa muito grata afoição.

Os 20\$ da mãe do Rui, juntamente com a esmola da Missa no dia 17 de cada mês. E a Alda do Ribatejo, a quem a morte do Esposo levou ainda mais para a beira do Tejo e que não deixa de ser presença certa.

Desfilam agora os *Pessoais*: O da C. P. E. com duas partidas: uma que totalizou 1258\$ de Março a Dezembro; e outra que somou 11.041\$60 até Dezembro. Esperamos que a Administração cubra a partida com outro tanto, conforme a velha e boa tradição.

Temos agora os Funcionários da Caixa Têxtil, com o produto

de 1\$00 que mensalmente descontam os que querem. De Fevereiro até agora totalizam 2871\$ mais a bolada maior, de Natal: 3.027\$50, «pequena oferta para o muito que desejavam enviar para a Obra que muito admiram e merece o carinho de todos».

E vamos acabar com os das Casas a prestações:

A Casa Coroação cresceu 1500\$ por mês. Falta-lhe pouco; e com ela terminará o Rosário de Casas.

De Ponta Delgada, 4x1000\$, da Capitania. É natural que viessem outros vales, de que não demos fé.

A Casa do David subiu da 6.ª à 11.ª prestação e «cá estou e estarei até ao fim da promessa que Deus o há-de permitir».

Várias prestações para a Casa do meu Pai, de Cruz, antes na Beira, agora em Lourenço Marques.

Mais 500\$ para a Casa da N. S.ª da Boa Hora, 300\$ de Maria Vicência. Outros 500\$ para a Casa Espírito Santo. E «escusado será dizer que pode ser gasto nas ajudas aos que constroem a sua casa. Desde que se ajude, o que importa o nome da casa?». Graças a Deus muitos alinham nesta opinião. Ainda assim, vivam a Maria Ana e o Pedro.

Mais 6.000\$ de «uma Espanhola» a terminar uma casa, que «já nem sei o nome dela», confessou quem a ofereceu.

No Montepio Geral em Lisboa, várias entregas de «Uma Pecadora» e outras para as Casas Rodízio e de Tia Lai.

Mais 9 «gotinhas» de 100\$ para a Casa de S.ta Filomena.

Mais 2 contos que perfazem 10.500\$ de Henrique de Carvalho — Angola. Mil, «desta vossa Amiga do Porto». Duas presenças de Maria Antonieta, para as Casas das três Marias e Rosarinho. 4 x 1000\$ de M. M. — A. L..

E esta mensagem do Casal-assinante 28562.

«Vamos hoje terminar o pagamento a prestações que nos propusemos efectuar de uma casa do Património dos Pobres.

Não temos a certeza de quando começámos, mas deve ter sido em 1957, nas proximidades do nascimento da nossa primeira filha, em Outubro desse ano. Nessa altura, falava-se em 12 contos para uma casa, e logo pensámos que teríamos de ir mais além. Há uns dois anos atrás deixámos a meta em 24 contos e vamos atingi-la agora. Sabemos que os 24 contos não deram para uma casa, mas ficaram certamente integrados em várias outras, concretizados em numerosos auxílios.

Temos que dar graças a Deus, muitas graças a Deus, ao verificarmos o seguinte: Que na altura em que atingimos a meta dos 24 contos também conseguimos ter amealhado o que nos falta para pagar o apartamento que constitui a nossa habitação. Quando íamos a verio da casa do Património, pensámos que chegaríamos à meta traçada para esta sem vislumbrarmos a meta da nossa. Afinal houve simultaneidade, o que nos parece milagre.

«É tudo por hoje. Claro que continuaremos a ajudar os que mais precisam através da obra das Conferências de S. Vicente de Paulo.»

Ó beleza!

UMA CARTA

«Para começarmos esta amizade — que eu espero seja por muitos anos — resolvi escrever-lhe esta carta. E passo a indicar os meus propósitos.

Eu, como muitas pessoas, sou um jovem que quando vejo um rapaz da vossa Casa a vender o vosso Jornal, não gosto de o ver ir embora sem lho comprar. Por duas razões: Uma, é que eu gosto muito de ler o vosso Jornal. E a outra, sei que, muito pouco que seja, estou a ajudar as Crianças que tanto precisam da nossa ajuda, tanto de amor como de ajuda financeira de pessoas mais velhas do que eu; embora não seja uma pessoa idosa, sou um jovem que tenho 22 anos, ca-

sado e pai de uma linda menina, que tem nove meses.

Desde há muito tempo que gosto de Crianças. Por isso mesmo resolvi, finalmente, não adiar para mais tarde o que há muito devia ter feito: pedir ao nosso padre Carlos para me começar a mandar o Jornal todas as vezes que sair; e ao mesmo tempo já me informava as condições da assinatura e onde devo pagar.

Este é o meu pedido. E ao mesmo tempo envio uma pequena lembrança de Natal, São 50\$00. E desejo Boas Festas e Feliz Ano Novo na companhia dos seus rapazes. São estes os votos do sempre amigo...»

Tribuna de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA página

deram à festa a sua graça — sempre tão bem acolhida.

A seguir a nossa sala de jantar, agora já aumentada, tornou a ser muito pequenina. As mesas estavam cheiinhas de coisas boas que cada um quis trazer. A melhor iguaria é sempre: as nossas azeitonas e boroa. Há muitos que não comem mais nada. Dos restos ficou ainda cheia a nossa salinhal.

A Maria do Céu — sempre metido nas coisas do Gaiato — segredou-me: Já reparou que é tudo gente pobre e simples? Só os humildes é que vêm a estas festas. Os grandes e os ricos têm lá as suas coisas! Toda esta gente vive do seu

ordenado modesto! E olhe o que aí vai!

A Maria do Céu tem a sua razão. Os nossos Amigos não vieram todos naquela tarde. Temos alguns, considerados grandes e ricos, que aparecera noutras alturas. Mas são sempre poucos.

Foi uma tarde cheia. Houve bola; os baloiços giraram; as oficinas abriram as portas; as escolas foram visitadas; as novas oficinas espantaram pelo seu tamanho; os animais foram afagados; e a Casa esteve toda aberta.

Era já noite cerrada quando o forte da caravana partiu. Deixaram-nos saudades, alegria, lembranças, amor e carinho. Despedimo-nos até breve.

Aceitamos o Natal assim. Não queremos um Natal pagão.

Padre Horácio

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

RETALHOS DE VIDA

O José Luís



Sou natural de Salvador, no concelho de Amarante, onde nasci a dez de Fevereiro de 1954.

Tinha eu seis anos, apareceram umas Madres em minha casa a falar com a minha mãe, para me meterem na Casa do Gaiato. A minha mãe aceitou de bom grado, porque ela sôzinha não nos podia sustentar a todos. O meu pai nunca o conheci. Somos actualmente, 8 irmãos: 4 rapazes e 4 raparigas. Tenho duas irmãs mais velhas que eu e os outros são todos mais novos, mas não somos todos do mesmo pai. Quando saí de minha casa éramos apenas 5, agora 8. Quem será o pai dos outros três?

Entre para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa em 20 de Fevereiro de 1960, tinha eu seis anos. Em Novembro de 1963 fui transferido para a de Benguela, onde me encontro. Quando a minha mãe se foi despedir de mim, queria que eu fugisse com ela, para não ir para Angola; mas eu não quis. Porque se eu fosse, não sei o que seria hoje de mim.

Aqui, em Benguela, fiz a 4.ª classe com 14 anos. Depois, comecei a trabalhar nos jardins. Aos 15 anos escolhi uma profissão, a de tipógrafo. Presentemente não temos essa oficina cá em Casa, mas o Sr. Padre pôs-me a trabalhar na cidade, onde estou há 4 anos, na secção de composição. Para o tempo que tenho de arte, ainda sei muito pouco. Se eu quiser aprender, tem de ser sôzinho, porque ninguém me ensina! O pouco que sei apenas devo a um moço que foi da nossa Casa, o Manuel Luís, mais conhecido por «Niza», que é o encarregado da secção de composição da empresa onde estou, e de vez em quando lá me dá alguma coisa para eu fazer.

Tenho actualmente 18 anos. Daqui a dois ou três estou na tropa. E, se Deus quiser, quando acabar o serviço militar, espero ajudar a pagar tudo quanto a Obra fez e está a fazer por mim.

Aqui termino a minha história, dos 6 aos 18 anos. Uma vida com certas dificuldades. Mas que, graças a Deus e à Obra, vão sendo vencidas.

José Luís Pinheiro

